

Por fim, depois da revolução de 1930 a que se seguiram múltiplas reformas do ensino, renasce a institucionalização do cultivo da Filosofia, ampliando-se de modo quase explosivo as atividades a isso correspondentes ou disso dependentes. Ainda não houve prazo para o aparecimento de destacados guias, nem para a clara definição quando não de sistemas, ao menos de correntes e de escolas; talvez não haja mesmo, em grande número de casos, uma adequação bastante entre o esforço feito e a evidência interior dos fins a serem atingidos; em outras palavras: é possível que a noção de um papel social a exercer, a preocupação administrativa ou pedagógica, o cuidado de um nome ou de uma carreira, sejam mais frequentes (como é naturalíssimo) do que a obediência a alguns daqueles "daimônios" que ditaram o destino de Sócrates. Ou o de Spinosa, o de Nietzsche, ou de Bergson. Ou o de Farias Brito.

Cabe então citar aqui as ponderadas e judiciosas palavras de Geraldo Pinheiro Machado, sobre o assunto: "o espírito brasileiro, em filosofia, caracteriza-se por manifestar-se, predominantemente, em estudos de lógica e em documentos de Filosofia aplicada — filosofia da arte, filosofia política, teoria da história nacional, filosofia da ação, filosofia religiosa, etc. As obras de filosofia pura são menos numerosas. Há mal nisto, mas há também certa normalidade sadia que supõe, de resto, a valorização do espírito filosófico. Em si mesma, a tendência de avaliar os domínios do fazer e do agir é filosófico, representando o esforço interpretativo da atividade humana. Nesse sentido, é uma tendência anti-pragmática. De fato, entretanto, essa tendência é ambivalente: pode ter o presuposto de uma boa filosofia, ainda que espontaneamente, e não é tarefa desejável para nenhum povo andar inventando metafísicas sucessivas; pode, por outro lado, significar despreço pela metafísica e o desejo de filosofar sem filosofia. Encontram-se no fenômeno brasileiro componentes dos dois tipos" (*A Filosofia no Brasil*, em apêndice à *História da Filosofia Contemporânea*, de Hirschherger, p. 226).

Homenagem a Camões

IV Centenário de Os Lusíadas

A Universidade Federal de Pernambuco, através de suas unidades de ensino e difusão cultural, associou-se às festividades comemorativas do IV centenário de publicação de *Os Lusíadas*, recomendando aos seus docentes que promovessem seminários, ciclos de estudos, debates e conferências visando ao estudo e maior compreensão da grande epopéia camoneana.

Antecipando-se aos simpósios e seminários que irão ser promovidos no segundo semestre deste ano pelo Centro de Estudos Portugueses do Instituto de Letras, a revista ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS, fiel à sua missão de promover e difundir a cultura em todos os níveis, divulga neste número ensaios dos professores Nilo Pereira, José Lourenço de Lima e Joel Pontes, os quais buscam revelar aspectos sempre novos, dentro de uma perspectiva sincrônica, do poema épico mais característico do estilo novo do Renascimento.

O prof. Nilo Pereira, humanista e historiador, escreve sobre *Os Lusíadas como epopéia marítima* enquanto o prof. José Lourenço, titular de Filologia Românica, analisa alguns aspectos da língua poética de Camões. O prof. Joel Pontes, do Instituto de Letras, colabora com um estudo significativo: *Camões e o povo nos Lusíadas*.

Divulgando esses trabalhos, ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS associa-se às demais instituições que, no Brasil e no mundo, vêm comemorando o aparecimento de um livro que marcou um dos capítulos de maior grandeza na história cultural do Ocidente. — César Leal